

Queremos realmente catecúmenos?

Armando Pinheiro Alfredo Peixoto Junior¹

Resumo: Nossa exposição versa sobre a amplitude do catecumenato quanto a seus processos e resultados. Deseja-se abrir janelas de reflexão sobre: a) possibilidades e ferramentas auxiliares ao discipulado; b) o apoio e atualização da tradição para amplificar a voz das novas gerações e culturas de cristãos; c) apoio e entusiasmo criador em processos que se inspirem em místicos e clássicos da espiritualidade do passado; d) motivar o ouvinte-leitor ao esforço de adquirir novas competências de transmissão da vida do Espírito. Faremos uma revisão bibliográfica à luz das ciências de aprendizagem e desenvolvimento de competências disponíveis, dos itinerários de nomes como Tereza D'Ávila, dos clássicos do cristianismo, como "Imitação de Cristo" e dos organizadores teóricos contemporâneos da espiritualidade clássica, como Gary Thomas. Também nos apoiaremos nas palavras do Senhor Jesus. O trabalho deduz que é preciso utilizar-se de ferramentas mais diversificadas, o que trará aos neófitos vitalidade renovada e maior engajamento social, não importa sua idade.

Palavras-chave: Catecúmeno. Discipulado. Método. Mistagogia. Relevância.

INTRODUÇÃO

Alguns dados interessantes de conhecimento geral sobre o termo "catecumenato" é, por exemplo, ter origem no termo latino "catechumenatus", ou grego "κατηχούμενος" (katēchoumenos), que significaria algo como "aquele que está sendo instruído oralmente". A raiz grega "κατηχεῖν" (katēchein) significa "instruir", "ensinar" ou "informar", e é composta por "κατά" (kata, que significa "para baixo" ou "completamente") e "ἔχειν" (ēchein, que significa "soar" ou "ecoar") (De LIMA, 2016, p. 27). Dessas referências simples e exauridas pelo tempo na compreensão coletiva, têm-se algumas recordações, como o fato de ser transmissão oral, exigindo alguém face a face, um "si-mesmo" como um outro" (RICEUR, 1990). Retoma-se a ideia de completude ou enraizamento. Também se remonta o conceito de "eco", "repetição". Isso traz o pensamento da similaridade ou fidelidade, o que é deveras precioso neste processo. Contudo, pode induzir na mentalidade de muitos catequistas a ausência de espaço para construção pessoal, autonomia, aplicação a novas realidades, releituras, busca construtiva pessoal, aberta a iluminações tão caras na história. Luzes normalmente exaltadas pelas gerações seguintes, mas dificilmente pelas contemporâneas. Rompamos com esse "ecoar" da história, evitando retardar nosso próprio processo mistagógico.

O quanto queremos "catecúmenos"? Esses, nesse sentido marginal, dos que apenas podem fazer ecos ao que ouvem? Certamente a fidelidade da repetição não dá conta das aplicações necessárias a uma vida devota que se refaz a cada queda ou desafio à fé, seja ele

1 Mestrando em Teologia, PUC- Rio, Bolsista CAPES, email: armandopeixotopr@gmail.com

intelectual ou caritativo. Talvez seja preciso revisitar algumas escolhas, prioridades, paixão e processos do catecumenato... nesta revisão de Jubileu em 2025.

Aliás, queremos apenas catecúmenos? A fala não é mais o único meio otimizado de ensino, nem objetivamos que o resultado seja apenas um eco que ressoe nossos ritos. É claro que isso é redutor demais, mas deve nos fazer refletir. O rito tem seu lugar consagrado, mas ele não é suficiente para incluir toda a experiência do mistério.

1 NOVAS POSSIBILIDADES E FERRAMENTAS AUXILIARES AO DISCIPULADO

As ciências de desenvolvimento de competências disponíveis hoje nos apresentam muitas inovações, como as tecnologias digitais colaborativas, criadoras de comunidade inclusive. A própria IA tem sido tema de desenvolvimentos que poderíamos utilizar, além da realidade aumentada ou virtual, que podem proporcionar experiências de aprendizagem imersivas e interativas. Nossas estruturas precisam ser renovadas, somos “uma instituição que carrega consigo uma densidade real e simbólica inquestionável para a vivência da fé. Contudo, para conservar tal pertinência e significatividade é urgente uma profunda renovação estrutural” (REINERT, 2014, p.14).

A sociedade tecnológica e científica de hoje já demonstrou que todos os sentidos trazem acréscimo de resultados se envolvidos na aprendizagem e aquisição de competências. Eles desempenham um papel crucial na maneira como absorvemos e processamos informações, e compreender essa relação pode aprimorar as estratégias educacionais. Eles influenciam a retenção, o engajamento e a eficiência do processo. Apesar de já sabermos do poder contagiante do uso dos sentidos na aquisição de conhecimento, usamos normalmente a audição e então a visão, mas raramente o olfato ou o tato. Já é tempo de os associar aos ritos ou a exercícios reproduzíveis em casa, como Jesus fez com a ceia, por exemplo.

Mais antiga, porém ainda muito necessária em nossos processos é a “pedagogia da autonomia” (FREIRE, 1996). Uma pequena obra literária que representa uma transformação enorme nos objetivos do método que há de ser escolhido. É preciso produzir autonomia, desenvolver discípulos que sejam sujeitos ativos na construção do conhecimento. É claro que a nova vida vem do Cristo ressurreto. Embora passe pela humanidade do neófito, é para a glória de nosso Senhor. Não se trata de “nossa vida”, não é uma “repetição de nós mesmos”, não é “para nosso deleite”. Nem do discípulo, nem do mestre. Não queremos que alguém nasça simplesmente para repetir o que tem havido. Seria pouco. Quando o discípulo vai além, mais longe, mais profundo, o mestre se realiza. Precisamos de uma nova geração de cristãos que ultrapasse a anterior e que mantenha assim o processo. Do contrário nunca alcançaremos lugares mais altos, mais distantes, mais enraizados no coração das próximas gerações. Alguém já disse e tornou-se tão popular que é difícil traçar a origem: “tolice é repetir ações desejando resultados diferentes”. Assim, é preciso que a diferença venha na natureza de cada novo cristão que nosso Senhor traga a este mundo. Não para fazerem como nós, mas para

fazerem melhor que nós. E, não apenas para corrigirem nossas rotas barrentas equivocadas, mas para construírem novas pistas de decolagem e planos de voo inovadores.

E que tal lembrar dos meios de comunicação, sua multiplicidade e modernização que proporcionam maior circulação de informações e a conexão de pessoas e lugares. Ora, queremos fazer circular mais a informação e a vida que transmitimos aos novos discípulos, precisamos que eles se conectem a outros cristãos em amadurecimento, seja um outro novato na fé, outros mentores, mesmo os falecidos através de seus testemunhos escritos! Precisamos que eles se conectem à geografia da terra santa para compreender o ambiente e contexto dos textos sagrados, mas também à geografia de sua vizinhança para responder aos desafios cristãos onde habitam. A internet surge, é inevitável que seja usada pelos urbanos que acompanhamos, mas ainda não a usamos de forma estruturada para a catequese local, ao menos não com regularidade e técnica profissional mais elaborada. Não é assim que usamos o Instagram, por exemplo, para a catequese. Os meios de comunicação são classificados em escritos, sonoros, audiovisuais, multimídia ou hipermídia². Enfim, não precisamos refletir muito para lembrar que não usamos tanta diversidade assim em nossas “classes de catecúmenos”.

Em tempos de andragogia³ desenvolvida, ainda somos muitos usando pedagogia infantil para ensinar adultos. Ora, se o “Concílio Vaticano II pediu a revisão da catequese por meio da restauração do catecumenato de adultos” (MACHADO, 2018, p.211), deve ser importante ensiná-los tal qual poderiam aprender melhor. Porém, não são menores os casos em que crianças infestadas de telas, com sua velocidade de movimento, luz, cor e sons vibrantes, mas regadas em nossos jardins eclesiais apenas à giz de cera para mostrar-lhes a verdade mais empolgante de todo o universo, um contrassenso. Num mundo de aplicativos geradores de comunidade com fluxos de trabalho em conjunto que salvam até vídeos e notificam-nos sobre prazos, ainda lutamos com sumários hiperdetalhados para crianças espiritualmente iletradas. É claro que as telas têm seus problemas, mas caso deseje-se buscar as pessoas onde estão, é preciso fazer uso delas, sobretudo em ambientes mais urbanos, o que não as descredencia como fator de atração em ambientes onde seriam novidades coloridas e dinâmicas. Certamente sabemos fazer melhor do que temos feito.

2 MANTER A ROTA APOIADA NA ATUALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO

A tradição é indispensável, mas não pode silenciar as pessoas a quem se dirige, antes precisa dar-lhes voz. É preciso amplificar a voz das novas gerações e culturas de cristãos. Diz-se que ser tradicional é estar apoiado sobre ombros de gigantes. Talvez seja mais próprio dizer que ela é o apoio sobre ombros de pessoas simples que, por sua vez, se apoiaram sobre outras semelhantes. Na base, os ombros fortes de Cristo, o alicerce da Igreja. Equilibrando-a, o Espírito, a única força capaz de nos manter coesos apesar dos desafios dos tempos e das culturas que o cristianismo tem sensibilizado e atraído a si. Por que não despertar o gosto pelas

2 Mais conhecidos como “links”, são muito úteis como “referências bibliográficas” no mundo digital.

3 A andragogia é para adultos o que a pedagogia é para crianças e jovens.

grandes histórias do passado, dos mártires, dos místicos e tantas outras! Seria realmente útil um itinerário, um painel ou mesmo um infográfico que crie consciência sobre o conteúdo de realidades como o Vaticano II ou o concílio de Nicéia.

Sobre as novas gerações e culturas, também há cristãos por lá, levando o convite à maturidade cristã aos que os cercam, imersos na mesma realidade. Já se foi o tempo em que lutávamos contra a cultura. Hoje a ouvimos, anunciamos por suas vias, na sua linguagem, respeitando seus discernimentos e capacidades. Não lutamos contra ela, devemos saber ouvi-la para retirar o melhor, não para manter o discurso pronto de que “ontem foi melhor que hoje”. Já sabemos que não há tempo perfeito e cada um deles tem seus desafios e potencial. As críticas existirão sempre, elas ajudam a regular a visão. Mas avançaremos muito ensinando aos que começam a trilhar o caminho de Cristo que há potencial em cada esquina em que se cruzam valores, crenças, músicas populares, lendas, jargões e jeitos próprios a cada povo. Avançaremos considerando a ciência e as preferências de nosso tempo, vinda da academia ou da sabedoria popular. Ainda sobre a adaptação necessária a cultura, segue-se:

Paróquia é um processo de significação em ato, e não um significado já dado, ou enunciado de uma instituição já realizada, por isso não modificável. Com o conceito de paróquia quer-se exprimir o modo de dar nome àquele movimento ininterrupto de *eclesiogene* através da qual a Igreja transmite de geração em geração a fé que professa. Pelo conceito de paróquia quer-se indicar os laços sociais, os sistemas de relação que a tradição cristã suscita em cada cultura. Trata-se de uma realidade dinâmica a fim de continuar a missão de anúncio, de modo compreensível a cada momento cultural, da mensagem e depósito da fé de que é portadora (REINERT, 2014, p. 178).

É sobre entrar nas novidades do Espírito para nossa geração. Talvez aqui esteja um grande desafio camuflado. É preciso enraizar o novato nas questões profundamente cristãs que o cercam e nas ferramentas que a Igreja tem desenvolvido para sustentá-lo face a esses desafios. Ligando-o a ambas, teremos cristãos fortes e resilientes, simultaneamente em ação relevante. Alguém que sente o amor, mas também o distribui. Não alguém ensimesmado. Nem alguém politizado apenas. A motivação será Cristo, não a causa... e a finalidade, o próximo, não a satisfação ou enlevo pessoal. Que questões são essas, senão as necessidades do próximo? Que ferramentas são essas, senão a adoração e a comunidade cristã? A cultura clama por socorro, a Igreja tem séculos de apoio, o Espírito disponível e celebrações repletas de gente madura disponível, senão ao menos gente disponível para amadurecer. Por exemplo, “num mundo onde a maior parte da população carece dos bens necessários à vida, não deveria a paróquia ser uma estrutura eclesial mais simples e pobre?” (REINERT, 2014, p. 274).

3 PROCESSOS INSPIRADOS EM MÍSTICOS E CLÁSSICOS DA ESPIRITUALIDADE

Tomemos apenas um tema clássico como exemplo, o “seguimento”. Faz-se preciso um itinerário ou método construído no seguimento, para o seguimento. A doutora da Igreja, Teresa D’Ávila, em sua obra “O castelo Interior”, indica que a 7ª morada, o ápice da experiência mística, onde Marta e Maria sempre andam juntas, é a vivência em plenitude do mistério na missão. Para ela é preciso contemplar a humanidade de Cristo, comunhão e seguimento para chegar aos últimos degraus da vida mística (ROMIO, 2023). Não apenas isso, mas ela tem toda uma série de recomendações para iniciar-se e aprofundar-se no mistério. Certamente gostaríamos de mais discípulos como Tereza D’Ávila que vislumbra seus “castelos” e nossos “castelos”.

Já advertiu Nietzsche: “só a prática cristã, uma vida tal como a viveu o que morreu na cruz, é cristã [...] ainda hoje esta vida é possível” (NIETZSCHE, 2024). A prática de uma vida semelhante à de Cristo é o único caminho para algo que se chame espiritualidade cristã. Aliás, o clássico da espiritualidade cristã “Imitação de Cristo”, do século XV (DE KEMPIS, 1993) já fazia desde o princípio o apelo ao seguimento (João 8,12). Já na tradição medieval entendeu-se que “quando falavam de ‘imitação’ de Cristo, ou ‘Cristo modelo de virtudes’, referiam-se a moldá-lo como caminho, verdade e vida, assimilação de seus sentimentos interiores, de sua vida e destino, de sua paixão e morte. Na prática, era um ‘seguimento’” (CAVALCANTE, 2007, p. 98). Desde que não seja algo apenas moral, como copiar um grande herói, não há inconvenientes em imitar. Mas, era o modelo grego que implicava “imitação”, mas o judaico-cristão, governado por uma criação “inventiva”, é fruto de uma intervenção e decisão, assim, o humano está imediatamente no campo da liberdade (GESCHÉ, 2010, p. 58) e de uma individualidade que se conecta, espontaneamente atraída, à comunidade pela obra do Espírito.

Como reflexão suplementar, pode-se citar o trabalho de Gary Thomas, que revisa a bibliografia da história da espiritualidade. É convidativo nesse processo pesquisar obras como essa. O objetivo é encurtar caminhos para enfatizar o que fora mais precioso e fundante na história de nossos irmãos, do povo, dos santos, do clero... da Igreja, até aqui. O autor deduz de sua pesquisa que temos temperamentos espirituais diferentes e isso afeta enormemente o tempo devocional e a maneira de se conectar com Deus. Logicamente isso afeta muito a resposta encarnada, comprometida, humana, caritativa, que precisamos dar neste mundo, após tal encontro fundante e mantenedor. Segundo ele, “usando personagens bíblicas, movimentos históricos da Igreja e temperamentos da personalidade diferentes, é possível identificar nove temperamentos espirituais, ou conexões espirituais” (THOMAS, 2004, p.22-23), meios humanos pelos quais nos conectamos melhor com o sagrado, sejam eles: a Natureza, a Sensibilidade, a Tradição, a Ascese, o Ativismo, o Altruísmo, o Entusiasmo, a Contemplação e a Intelectualidade.

Certamente há muitos benefícios em revisões que nos aproximem dos clássicos, pois há muita história de devoção profunda e relevância extraordinária sob esses lençóis do tempo.

4 NOVAS COMPETÊNCIAS DE TRANSMISSÃO DA VIDA DO ESPÍRITO

“Não queremos apenas ecos”, significa que já percebemos que a simples repetição não cria consciência, mudança de valores pessoais arraigados pelas dores ou grandes alegrias anteriores da vida pregressa do discípulo. Os processos da razão humana, como a memorização ou a percepção, não encerram ou englobam tudo o que é necessário para o caminho de luz crescente do discípulo. Faltará o componente emocional, comunitário, ritual, experiencial e tantos outros. Isso já sabemos. “A catequese querigmática é experiencial, [...] prefere conformar a vida do catequizando ao mistério” (LIMA & SCHMITT, 2017, p. 151).

O que é preciso então, senão categorizá-los de forma simples e clara tanto para auxiliar os experientes tutores quanto seus novatos discípulos, como os do caminho de Emaús, para que possam ter seus olhos abertos. Não bastou o ensino do caminho, foi preciso “vê-lo partir o pão” “na mesa da comunhão”. No entanto, ficou claro apenas quando o viram desaparecer de seus olhos. Dito de outra forma: ficou claro quando não mais o puderam ver... e viram uma fé mais madura aparecer. É preciso preparar “nossos novatos” para ver o invisível quando a noite escura da alma chegar.

Urge um processo maior que faça brotar vida própria no neófito. Brotar aqui é sinônimo de irromper. A vida está lá, latente, possível, empoderada pela presença do Espírito Santo. Mas ainda está dentro da terra e apenas isso. É preciso que o pequeno caule brote, nasça, seja visto. Isso não acontece, a não ser que a semente tenha morrido, sido sepultada... e renascido, tímida, silenciosa, em processos invisíveis aos olhos, dentro da terra... e do coração humano. Mas um dia nasce, é percebido. O discipulado já pode ter começado por um cristão antes da semente dar vida, talvez apenas antes de sair da terra, mas em outros casos temos perdido a oportunidade de trabalhar sementes cujos caules já são plenamente visíveis. Deus é Senhor do mistério da vida, é quem a faz brotar, não resta dúvida. Mas precisamos ser o apoio da boa terra cheia de nutrientes que cerquem a semente, o sol que aquece seu coração, a chuva que traz a água permitindo que tudo flua para o interior daquela que precisa nascer. Temos uma missão discipular, um imperativo cristão.

Planejemos que “a graça divina o conduza”, o que nos lembra do processo mistagógico que precisa ter lugar. O caminho discipular exige diversas aprendizagens, mas nenhuma dela sobrepõe-se a essa. Aprender a se encontrar com o Espírito, discernir sua voz em meio a turbulências dos pensamentos frenéticos cotidianos, é um desafio. Difícil ensinar porque muitos tutores têm, eles mesmos, ainda dificuldade em trilhar esse caminho. Difícil aprender, pois se trata de desenvolver sentidos espirituais muito novos para um bebê cristão. Como um bebê humano, muito tempo se passa até desenvolver linguagem: tempo de observação, tentativa e erro com sons estranhos e engraçados, até que faz sentido, as primeiras palavras surgem e a comunicação é estabelecida... e ainda assim passam-se anos até amadurecerem um vocabulário e estrutura de construção frasal mais elaborados.

5 RETOMAR AS ESCRITURAS

Para memória e motivação, as palavras de Jesus são o que há de melhor. Afinal, ele é alvo da iniciação cristã, é a humanidade que nos representa, é a encarnação da própria divindade que se faz disponível e acessível pelo Espírito a todo humano. Ele é o verdadeiro modelo de formação cristã de que temos nota e constitui-se alvo.

Aproximar-se mais das fontes bíblicas possibilita perceber de maneira mais clara como os cristãos da primeira hora entenderam a mensagem de Jesus e viveram sua fé com convicção... A Patrística continuou a missão apostólica.... A catequese entra nesse mesmo caminho, iluminada pelo Vaticano II. Retornando às fontes... (LIMA & SCHMITT, 2017, p. 143)

As Escrituras “são verdadeiramente Palavra de Deus” (DV 24, 1965). O Diretório Geral de Catequese fala que “a fonte na qual a catequese haure sua mensagem é a Palavra de Deus” (DGC 94, 1997).

O mesmo mestre Jesus nos fala, por exemplo, usando metáforas onde a Igreja é agricultora (Mt 9,36-38; 1 Co 3,9 etc.) de seus campos. Há inúmeras exigências em termos de competências, como o coração adequado, o sábio uso do tempo, a generosidade nas finanças, a prontidão das energias físicas e emocionais, o campo escolhido e as dimensões deste território que decidimos abraçar, ou ainda as ferramentas mais modernas que aumentam a produtividade e diminuem o cansaço. A imagem é ampla, mas serve sempre para lembrar de fazer corretamente seu trabalho. Afinal, se o machado perde o fio, é preciso mais força, o que nos lembra de fazer o trabalho com inteligência (Ec 10,10).

Ele alega que ainda são necessários mais trabalhadores, sobretudo porque os campos continuam prontos para a colheita... mas ainda se faz preciso escolher “parar de ver apenas o nosso próprio terreno”, “levantar os olhos” e “enxergar com o olhar do Senhor das plantações” (Jo 4,5).

É preciso prontidão espiritual, pois faz-se urgente colher os frutos do trabalho do Espírito. Isso ilustra a necessidade de reconhecer e agir sobre as oportunidades espirituais presentes. Claro, é preciso importar-se. Olhar outros campos além dos nossos, outras necessidades, viver para outrem, vida de “bom samaritano”, coração missionário Paulino, atitude de doação de bens como na igreja de Jerusalém... práticas inspirativas. Importar-se.

Também é preciso trocar a nossa perspectiva pela dele, nossa maneira de ver as dificuldades do caminho, olhando-as como oportunidades que Ele aponta. Se tomarmos como ilustração o mercado consumidor, é o mesmo que comparar os vendedores que alegam impossível vender sapatos a um povo que anda descalço aos vendedores que vibram com a notícia, pois terão muitos clientes, já que ninguém usa “ainda” sapatos. Eles simplesmente têm de mostrar as maravilhas destas “coisas para pés”!

Os campos estão prontos para a catequese!

CONCLUSÃO

Este trabalho deduz que é preciso utilizar-se de ferramentas mais diversificadas, o que trará aos neófitos vitalidade renovada e maior engajamento social, não importa sua idade cristã ou terrena.

A fala não é mais o único meio otimizado de ensino, nem objetivamos que o resultado seja apenas um eco que ressoe nossos ritos. Urge um processo maior que faça brotar vida própria no neófito, vinda de todos os meios de comunicação e pedagógicos presentes na cultura contemporânea. Planejemos que “a graça divina os conduza”, apoiados pelo testemunho da tradição, às novidades do Espírito para nossa geração. Certamente gostaríamos de mais discípulos como Tereza D’Ávila, construídos no seguimento, organizando-se como Gary Thomas revisa a tradição. É improrrogável, sob pena de recessão na espiritualidade cristã, e perda de espaço social, uma direção simples, clara e reproduzível, que toque a vida toda, abrindo-a ao próximo. Os agricultores ainda são necessários, sobretudo porque os campos continuam prontos para a colheita.

Apesar disso, as religiões de mistério, o islã e mesmo o argumento ateu têm ganhado espaço. No contexto da pós-modernidade a Igreja deixa de ser relevante e significativa. E isso ocorre mesmo em sociedades como a latino-americana, ainda marcada pela religiosidade.

Agora é preciso um método, apresentamos apenas princípios nesta comunicação. Que haja abertura, inspiração e suor suficientes para avançarmos colhendo os frutos destes campos, dando a eles liberdade de corresponderem à espécie de cada semente singular que representam.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, R. *Espiritualidade cristã na História: das origens até Santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 02 set 2024.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral de Catequese*. 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 02 set 2024.

DE KEMPIS, Tomás. *Imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

De LIMA, L.A.. *A Catequese do Vaticano II aos nossos dias*. A caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GESCHÉ, Adolph. *O ser humano*. São Paulo: Paulinas, 2010.

LIMA, L. A.; SCHMITT, P. S. *O querigma cristão*. Encontros Teológicos, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 139-158, 2017.

MACHADO, A. P. *O catecumenato e a palavra de Deus*. Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 35, n. 138, p. 209-218, 2018.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo. Aforisma 39*. Disponível em: <https://www.cesarkallas.net/arquivos/livros/informatica/filosofia/Friedrich%20Nietzsche%20-%20O%20Anticristo.pdf>. Acesso em: 02 set, 2024.

REINERT, J. F. *Paróquia e iniciação cristã: uma relação urgente: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

RICOEUR, Paul. *Soi même comme un autre*. Paris : Éditions du Seuil, 1990.

ROMIO, Assunta. *Moradas de Santa Teresa de Jesus: um itinerário de Amor*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/572660-moradas-de-santa-teresa-de-jesus-um-itinerario-de-amor>. Acessado em: 19 jun, 2023.

THOMAS, Gary. *Conexões espirituais: Descubra o caminho de sua alma até Deus*. Fortaleza: Associação Willow Creek, 2004.